



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**A ARTE VISUAL COMO RECURSO METODOLÓGICO NA EDUCAÇÃO DE**  
**CRIANÇAS COM TRASNTO DO ESPECTRO AUTISMO**

**LEONÔR CIÊRDA TORRES MACIEL**

Campina Grande-PB  
2019

**LEONOR CIÊRDA TORRES MACIEL**

**A ARTE VISUAL COMO RECURSO METODOLÓGICO NA EDUCAÇÃO DE  
CRIANÇAS COM TRASNTO RNO DO ESPECTRO AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Orientador: Prof<sup>ª</sup> Dr. Eduardo Gomes Onofre

Campina Grande- PB  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152a Maciel, Leonor Cierda Torres.

A arte visual como recurso metodológico na educação de crianças com transtorno do espectro autismo [manuscrito] / Leonor Cierda Torres Maciel. - 2019.

35 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Gomes Onofre, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."

1. Autismo. 2. Arte visual. 3. Educação inclusiva. I. Título

21. ed. CDD 371.9

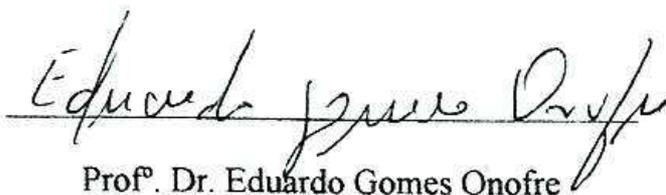
**LEONOR CIÊRDA TORRES MACIEL**

**A ARTE VISUAL COMO RECURSO METODOLÓGICO NA EDUCAÇÃO DE  
CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao Departamento de Educação de Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

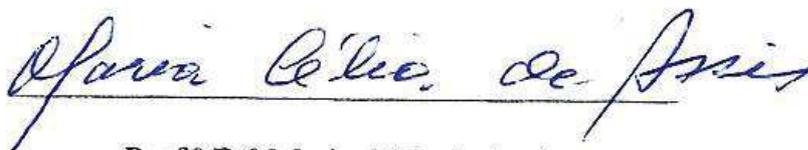
Aprovada em 06/02/2019

**BANCA EXAMINADORA**



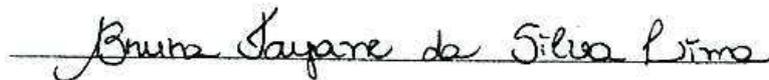
Prof.º Dr. Eduardo Gomes Onofre

Orientador – UEPB



Prof.ª Dr.ª Maria Célia de Assis

Examinador – UEPB



Prof.ª Mestre Bruna Tayane da Silva Lima

Examinador - UEPB

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus por conceder-me saúde, proteção e forças para continuar lutando;

Agradeço aos meus pais:

Ao meu esposo:

As minha amigas;

E em especial a minha mãe e a professora

E a todos os professores que durante esta caminhada compartilharam seus conhecimentos.

Ao meu orientador Prof<sup>o</sup>. Dr. Eduardo Gomes Onofre

“Não se perde uma criança para o Autismo. Perde-se uma criança porque a que se esperou nunca chegou a existir. Isso não é culpa da criança autista que, realmente, existe e não deve ser o nosso fardo. Nós precisamos e merecemos famílias que possam nos ver e nos valorizar por nós mesmos, e não famílias que têm uma visão obscurecida sobre nós por fantasmas de uma criança que nunca viveu. Chore por seus próprios sonhos perdidos se você precisa. Mas não chore por nós. Estamos vivos. Somos reais. Estamos aqui esperando por você.”

Jim Sinclair (autista) – Não chorem por nós – Discurso na Conferência Internacional de Autismo, Toronto, 1993.

## RESUMO

O presente artigo de uma pesquisa sobre o autismo cujo objetivo é descrever o desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autismo através da arte. Assim, desenvolvemos uma experiência utilizando a arte visual como recurso metodológico que favorece o desenvolvimento de uma criança autista. Salientamos que, os estudos de Gomez (2014); Barbosa (2016); Farias (2016) subsidiaram a presente investigação. Os resultados evidenciaram que a referida metodologia pode ser utilizada a partir da Educação infantil como estratégia de ensino-aprendizagem que contribui para o desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autismo.

**Palavras- chave:** Autismo. Arte. Desenvolvimento.

## ABSTRACT

The present article of a research on autism whose objective is to describe the development of the child with autism spectrum disorder through art. Thus, we developed an experience using visual art as a methodological resource that favors the development of an autistic child. We emphasize that the studies of Gomez (2014); Barbosa (2016); Farias (2016) subsiated the present investigation. The results showed that this methodology can be used from early childhood education as a teaching-learning strategy that contributes to the development of children with autism spectrum disorder.

**Keywords:** Autism. Art. Development.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>09</b>
<b>1 DISCUTINDO O MUNDO DO AUTISTA: UMA BREVE DISCUSSÃO EM TORNO DAS CONCEPÇÕES.....</b>	<b>11</b>
1.1 UM BREVE DISCURSO SOBRE O AUTISMO.....	11
1.2 A arte na educação: um enfoque no processo de ensino e aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais.....	18
1.3 Vygotsky: criatividade e imaginação na infância.....	21
<b>2 METODOLOGIA.....</b>	<b>23</b>
2.1 Tipo de pesquisa.....	23
2.2 Instrumento de pesquisa.....	23
2.3 Cenário da Escola pública municipal campo de pesquisa.....	23
<b>3 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....</b>	<b>25</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## INTRODUÇÃO

“Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, é a expressão que organiza a atividade mental, que a modela e determina sua orientação”.

Vygotsky.

O objetivo geral deste estudo é descrever sobre o desenvolvimento da criança com transtorno do espectro autismo através da arte. O interesse pela temática se deu pela necessidade de contribuir para minimizar as angustias daquelas crianças com diagnóstico de autismo que compromete tanto a socialização como a aprendizagem dos mesmos. Sabe-se que, em termos gerais o autismo é um grave distúrbio do desenvolvimento humano que prejudica tanto a capacidade de se comunicar como de interagir com os seus pares. Além da dificuldade de comunicar-se apresentam também um comportamento obsessivo e demasiadamente repetitivo.

Desse modo, é importante compreender os diferentes casos de crianças com necessidades educacionais especiais que se apresentam nas instituições educacionais, pois cada criança diagnosticada como autista ou qualquer outro transtorno não se apresenta da mesma forma, pois varia de nível: leve, moderado até o grave. Por isso, é preciso entender os diferentes níveis para assim conseguir lidar com elas e promover o desenvolvimento das mesmas.

A pesquisa se justifica pela necessidade de compreender as questões referentes ao transtorno de espectro do autismo, pois abordar o autismo no cotidiano escolar nos dias atuais implica ir além do conhecimento de conceitos abstratos e significados científicos, mas, sobretudo perceber os anseios e as dificuldades que todas as crianças com esse problema possa apresentar na escola no ensino regular.

Nesse contexto, discutir sobre o autismo significa entender os diversos comportamentos das crianças com necessidades educacionais especiais ao mesmo tempo em que se apresenta como um desafio no âmbito escolar. Pensar o autismo no cotidiano escolar faz-se necessário ir além da esfera das deficiências e avançarmos na discussão da relação ao que a escola estabelece como o “diferente”, identificável a partir de um padrão previamente definido e assim incluir todos os indivíduos significando uma ação de inserção na sociedade. Estar incluído é “fazer parte de”. Se o aluno não está incluído, “não faz parte de” um determinado grupo.

Pode-se afirmar ainda que para incluir é fundamental romper com as barreiras e as ideologias que marcam a relação na escola com os indivíduos excluídos e assim incluir mediante a transformação das práticas de excludentes para as inclusivas no sentido de que as mesmas possam propiciar a inclusão de todos os alunos. Apesar do processo de inclusão ainda se apresentar de forma lenta não quer dizer que as ações estão estagnadas, mas é preciso destacar que toda e qualquer mudança implica na desconstrução dos velhos paradigmas preestabelecidos entre a escola e o aluno com necessidades educacionais especiais.

Enfim, a escola tem investido na formação de profissionais para atuar junto às crianças com necessidades educacionais especiais. Sendo assim, nos interessa participar da construção dos novos paradigmas e contribuir para o desenvolvimento das crianças autista. Este trabalho não pretendeu esgotar este universo, pois sabemos que muito ainda está para ser entendida. Esperamos que seja um ponto de partida

Por isso, para alcançarmos os objetivos pretendidos neste estudo abordaremos inicialmente os aspectos referentes ao autismo segundo os estudos científicos, além de apresentar o relato de uma experiência com as artes visuais com o aluno autista, posteriormente a análise dos dados, resultados encontrados, considerações finais e por fim as bibliográficas.

# **1 DISCUTINDO O MUNDO DO AUTISTA: UMA BREVE DISCUSSÃO EM TORNO DAS CONCEPÇÕES**

## **1.1 UM BREVE DISCURSO SOBRE O AUTISMO**

Inicialmente pode-se dizer que ao longo dos anos ocorreu uma crescente discussão acerca do autismo infantil, a compreensão de suas características e formas de intervenção para favorecer o desenvolvimento da pessoa autista. O que vem sendo amplamente debatido. Embora haja tantas pessoas falando sobre o tema, ele ainda é pouco compreendido pela sociedade e, muitas vezes, pais e professores fazem diferentes conjecturas sobre o tema, as quais, muitas vezes, impelem a busca de um conhecimento de causa e do diagnóstico precoce.

Dentro dessa perspectiva constatou-se que até o final da década de 1930, a psiquiatria ainda não tinha um conceito para definir as crianças que apresentavam características desconhecidas até então não observadas nos quadros clínicos de outros pacientes já diagnosticados pela ciência. Essas características incluíam a ausência de interesse em manter relações interpessoais, dificuldade na comunicação e na linguagem, comportamentos estereotipados e interesses peculiares por objetos (GOMEZ, 2014).

Desse modo, os estudos de Gomez (2014) apresentam dados que o psiquiatra Leo Kanner (1894-1981) diretor de psiquiatria infantil do Johns Hopkins Hospital, publicou na obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” – T.E.A no intuito de averiguar os comportamentos “diferentes” já observados em algumas crianças que ele atendia e, os diferenciou da linha esquizofrênica, a qual, anteriormente, o psiquiatra suíço Paul Euger Breuler (1857-1939), os havia enquadrado e definindo o termo autismo infantil.

Diante disso, a partir de 1943, o termo autismo passou a ser utilizado para diagnosticar o Transtorno do Espectro Autismo – T.E.A, isto é, pessoas que apresentavam problemas de ordem social e comportamental. Pode-se acrescentar que atualmente constata-se um grande número de pessoas com o diagnóstico precoce de autismo como forma de possibilitar a intervenção necessária para que a criança com T.E.A. Nesse sentido feito o diagnóstico identificando o nível corretamente contribui para que esse indivíduo torne-se um adulto com possibilidades de desenvolver-se melhor e fazer parte de um mundo possível de ser incluído na sociedade.

Desse modo, as pessoas que apresentam dificuldades de comunicação e interação social e tem interesses restritos segundo o Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos

Mentais (DSM-V) estão classificadas dentro do Transtorno de Espectro Autista – TEA. Sendo assim, CAU (2006, p.69) diz o seguinte:

Entendemos que a relação entre conceito de autismo e a noção de diferença e de estranheza, seria sua diferença e singularidade que o afastaria do mundo e dos outros. Dito de outro modo, mais do que seu silêncio e de sua mais profunda reclusão e afastamento, o que mais causa ao outro medo e horror não é senão encontrar-se diante de um semelhante tão estranhamente diferente.

Entende-se que o TEA caracteriza-se pelo afastamento, isolamento dos indivíduos entre os seus semelhantes. É um transtorno que afeta principalmente as interações pessoais o que compromete a vida social dos mesmos em níveis diferenciados, uns se isolam mais que outros de sua realidade. Por conseguinte, a legislação brasileira decidiu normatizar e legalizar a situação dos indivíduos deficientes através do Estatuto da Pessoa com deficiência a fim de contribuir com os pais, educadores e a sociedade para a inclusão ao mesmo tempo que contempla um leque de direitos que se faz necessários ser observados, o que comentamos a seguir: Dados sobre o Estatuto da Pessoa com Deficiência consolidado através da moderna lei nº 13.146 do ano de 2015.

- **Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei nº 13.146/2015**

Pode-se dizer que em linhas gerais e prosseguindo em relação à legislação no Brasil o assunto sobre a pessoa com deficiência independente da causa passou a ser difundido através da aprovação da Lei nº 12.764 de 27/12/2012 que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e, em abril de 2013 a publicação das Diretrizes de Atenção à reabilitação da criança com Transtornos do Espectro do Autismo – TEA, do Ministério da Saúde, oferecendo orientações às equipes dos diferentes pontos de atenção da rede de Cuidados a Pessoa com Deficiência as pessoas com TEA e suas famílias em consonância com a Legislação acima referendada (BRASIL, 2015).

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei nº 13.146/2015, de 6 de julho de 2015 que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência), destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício de todos os direitos fundamentais aos deficientes, visando à sua inclusão social e cidadania.

De acordo com o Parágrafo único desta Lei que tem por base a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, ratificados pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo nº de 186, de 9 de julho de 2008, em conformidade

com o procedimento previsto no § 3º do art. 5º da Constituição Federal em vigor para o Brasil, no plano jurídico externo, desde 31 de agosto de 2008, e promulgados pelo Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009, data de início de sua vigência no plano interno.

Em seu Art. 2º considera a pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (FARIAS, 2016, p.21).

Nesse contexto, em consonância com a legislação o sistema público de ensino preocupa-se com o desenvolvimento da educação dessas crianças visando à inclusão de todas na escola. Direito este que está inserido, na Constituição Federal (CF) no artigo 205, como dever do estado e da família, promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, “visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Além disso, ainda, segundo este documento é dever do Estado o atendimento educacional especializado às pessoas com deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino (artigo 208, III, da CF). No artigo 24 da CF, reconhece o direito das pessoas com deficiência à educação, e que, para efetivar tal direito, sem discriminação e com base na igualdade de oportunidade, e também que deverão os Estados Partes assegurar “um sistema educacional inclusivo em todos os níveis, bem como o aprendizado ao longo de toda a vida”. Dando continuidade a esta através de uma política da educação especial na perspectiva da educação inclusiva direcionada às pessoas com deficiência (BRASIL, 1988).

A proposta das legislações direcionadas à educação reforça este novo paradigma da inclusão dos alunos com deficiência no Estatuto da Pessoa com Deficiência nas instituições de ensino regular, sejam elas públicas ou privadas, a fim de propiciar o convívio com os demais indivíduos e colaborar em prol da formação dos cidadãos, além de garantir oportunidades para o desenvolvimento, a autonomia e profissionalização para o exercício pleno da cidadania. Diante do que já foi exposto apresentamos a seguir alguns conceitos sobre o autismo.

Conforme Gomez (2014, p. 446), o primeiro estudioso a introduzir o termo autismo foi Eugene Bleuler desde 1911 que descreveu como uma imaginação deficiente, por isso, ainda o termo gera dúvidas, porém é entendido melhor como a constituição do indivíduo caracterizado por uma alteração no contato com a realidade; que tem como consequência a dificuldade em relacionar-se com os outros. Compreende extremo isolamento desde o início da vida e a incapacidade para usar a linguagem de maneira significativa.

Rutte e Schopler (1992, p.22), defende o autismo como um distúrbio do desenvolvimento humano complexo no campo comportamental com etiologias múltiplas e graus variados de severidade. De acordo com Winnicott (1997), o autismo é uma questão de imaturidade afetiva que pode acontecer quando o amadurecimento da criança é interrompido de alguma forma, pela inadequação ou insuficiência do ambiente perante suas necessidades.

Pode-se dizer que, o termo autismo vem do grego “autos” que significa “próprio”, dessa forma, o autismo significa, literalmente viver em função de si mesmo. Existem várias definições sobre o autismo infantil. Conforme a Organização Mundial da Saúde (1998), o autismo é: Uma síndrome desde o nascimento ocorrendo nos primeiros trinta meses de vida. Caracteriza-se por respostas anormais a estímulos auditivos ou visuais, e por problemas graves quanto à compreensão da linguagem falada. A fala custa aparecer e, quando isto acontece, nota-se ecolalia, uso inadequado dos pronomes, estrutura gramatical, uma incapacidade na utilização social, tanto da linguagem verbal quanto corpórea (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 1998).

Vale ressaltar que as pessoas com diagnóstico de transtorno do espectro autismo apresentam ainda algumas características que facilitam melhor a compreensão sobre a temática.

- As características do autismo

Yoshijinna (2000, p.8), “ênfatisa que o autismo foi identificado em 1940 pelos médicos: Leo Kanner e Hans Asperger. Obviamente é um estado que sempre existiu em todas as épocas e culturas. A partir dos estudos destes autores, outras pesquisas se seguiram no conhecimento desta síndrome”. Assim, hoje os autistas são reconhecidos pelas seguintes características, que podem se apresentar em conjunto ou isoladamente:

- apresentam isolamento mental, daí o nome autismo. Esse isolamento despreza, exclui e ignora o que vem do mundo externo;
- possuem uma insistência obsessiva na repetição, com movimentos e barulhos repetitivos e estereotipados;
- adotam elaborados rituais e rotinas;
- têm fixações e fascinações altamente direcionadas e intensas;
- apresentam escassez de expressões faciais e gestos; – não olham diretamente para as pessoas;
- têm uma utilização anormal da linguagem;
- apresentam boas relações com objetos;

- apresentam ansiedade excessiva;
- não adquirem a fala ou perdem a anteriormente adquirida.

Dentre as características mais comuns acima citadas é preciso afirmar que estas se apresentam em diferentes níveis não está determinado exclusivamente como definitivo para todos os indivíduos podendo variar de individuo para outro. De acordo com Yoshijinna (2000, p.9),

(...) Quanto a suas causas, existe uma série ampla e diversificada de hipóteses. Alguns autores sugerem que a rejeição ou outros traumas emocionais nos primeiros meses de vida seriam a causa desse distúrbio. Outros atribuem a origem dessa síndrome a perturbações profundas na relação da criança com o meio. Acredita-se, também, que o autismo acontece em crianças organicamente predispostas, nas quais um trauma emocional precipitou a desordem.

Além disso, pode-se dizer ainda que as causas nos leva a compreensão desse problema o que possibilita ações efetivas em relação ao desenvolvimento da criança com autismo, pois considera-se quase impossível manter um vínculo afetivo com essas crianças, assim como uma comunicação interpessoal adequada. Mas, muitas vezes, ela deixa de desenvolver qualquer tipo de linguagem e dispõe apenas dos mecanismos primários mais básicos e imprescindíveis para qualquer ser humano sobreviver. Devido a isso, aprende a responder estímulos do ambiente de uma forma diferente da maioria das crianças da sua idade.

Dentro desse contexto, Yoshijinna (2000, p.27) destaca o seguinte:

É muito comum ouvirmos que os autistas não se comunicam. O que de fato ocorre é que possuem um padrão de comunicação bastante diferenciado daquilo que conhecemos. Com isso, deixamos de perceber o tamanho esforço que fazem para se adaptar ao nosso modo de falar, à nossa forma de compreender o mundo em que vivemos. Como consequência, tem-se um grande desgaste para os familiares e para o próprio autista, pois ambos ainda não dominam estes novos idiomas. Aprender uma nova língua é um processo lento, ainda mais quando estão presentes a vergonha, o medo, as dificuldades econômicas, a culpa, etc. Como, então, fazer? É nesse espaço que o trabalho de orientação de pais pode vir a ser muito útil, pois permitirá vivenciar essas dificuldades e outras experiências por meio do melhor conhecimento de nosso papel como pais. Isso significa se perceber os limites e as possibilidades de sermos pais, retirando o ônus que nos impomos quando ficamos iludidos de que tudo na vida do filho autista depende exclusivamente de nós.

Dessa forma, as características observadas pelos psicólogos entre os anos da década de 1930 a 1940, em um grupo de crianças nomeadas com “autismo” infantil conforme Gomez (2014) observou que elas ficavam muito tempo concentradas em si mesmas, sem mostrar interesse por outras pessoas. Estas crianças apresentavam os seguintes sintomas: extrema solidão, incapacidade para se relacionar com as pessoas e alterações de linguagem e apresenta problemas de comunicação muito severa, tanto no plano expressivo como no receptivo. A palavra refere-se, assim, a incapacidade em estabelecer relações sociais efetivamente.

A mesma autora acrescenta: o cientista Bleuler destacou que as pessoas com autismo tinham uma imaginação deficiente, por isso, o termo gera dúvidas: ainda hoje muitos acreditam que este quadro é sinônimo de esquizofrenia infantil ou psicose infantil. Além disso, distinguiu-se um subtipo de autismo, o “autismo secundário” que aparece no segundo ano de vida. As crianças parecem desenvolver-se normalmente durante dezoito a vinte meses, mas logo se retraem, perdem a linguagem, interrompem, seu desenvolvimento social e reduzem as atividades normais.

Dando prosseguimento as características Hans Asperger usou o termo “psicopatia autista” para se referir a crianças com características e comportamentos similares ao que Leo Kanner distinguiu. O que vai diferenciar é o modo como cada um interpretou o comportamento dos indivíduos. De acordo com Gomez (2014), os estudos desse autor indicam que alguns “autistas” não falam e outras não utilizam também as capacidades linguísticas que possuem; em outros grupos podem apresentar comportamentos autoestimuladores e movimentos “estranhos”. Percebe-se que elas podem expressar também interesses intensos e incomuns como: rotinas repetitivas e apegos a certos objetos (GOMEZ, 2014)

Entende-se que existe uma semelhança entre Asperger e Kanner, mas devido as diferentes interpretações, foram formuladas as chamadas “síndrome de Asperger” e “autismo de Kanner”, para se referir a autismos de alto e baixo nível de funcionamento respectivamente. Nesse sentido, como diferentes pessoas com autismo podem manifestar-se de diversas maneiras, considera-se isto como uma síndrome, ou seja, um conjunto de características que configuram um quadro de comportamentos distintos.

Sendo assim, a síndrome autista pode ser entendida como uma alteração evolutiva do desenvolvimento humano que podem manifestar-se através das dificuldades da comunicação verbal e gestual, alterações da interação social recíproca, um repertório restrito de atividades, interesses e padrões repetitivos de comportamento.

Além disso, indivíduos com retardo mental ora tem e outras não a síndrome do autismo. Este fato explica a diferença entre os dois níveis de ocorrência do autismo. Por isso, para se referir-se ao autismo foram utilizados os termos como: Esquizofrenia infantil; autismo infantil; síndrome de Asperger; síndrome de Kanner. Percebe-se que ao longo dos anos muitos indivíduos com autismo eram rotulados como retardados ou esquizofrenia devido a falta de conhecimento sobre o autismo (GOMEZ, 2014).

Ratificando, os sintomas da pessoa com autismo normalmente aparecem durante os primeiros três anos de vida e continuam ao longo de toda a sua existência. Assim, é comum

muitas delas responderem anormalmente aos sons, ao toque ou outros estímulos sensoriais. Muitas mostram pouca sensibilidade à dor, mas também podem ser extremamente sensíveis a outras sensações. Estas sensações incomuns podem contribuir com os sintomas percebidos em seus comportamentos, como resistir a um abraço.

Desse modo, elas também podem apresentar comportamentos que precisem ser feitos de qualquer maneira ou repetitivos, como não escutar o que uma pessoa diz até que enfileire seus lápis ou dizer a mesma frase várias vezes. Os autistas podem bater os braços para demonstrar que estão felizes ou podem se machucar para mostrar que não estão.

Nesse sentido, as pessoas com autismo armazenam as informações em imagens (como fotografias) e os conceitos ou definições através de generalizações, ou seja, pela assimilação de várias imagens do mesmo conceito, é gerada uma série de características semelhantes que permitem estabelecer uma relação entre elas.

Geralmente a imagem do não autista é diferente do autista, isto é, a imagem de uma bicicleta para o não autista tem duas rodas, pedais, etc. para o autista ele percebe a imagem de várias bicicletas. A palavra “bicicleta” na mente dele (s) é produzida uma grande quantidade de imagens.

Sendo assim, a questão dos sons em algumas pessoas com autismo é incapaz de diferenciar e ignorar aqueles sons que interferem, distorcem ou poluem o ambiente. O autista não suporta alguns sons, enquanto a maioria das pessoas consegue ouvir outras pessoas falando ao mesmo tempo porque tem a capacidade mental de abaixar o volume interno, os autistas não podem fazê-lo e esses sons os castiga. Esta é uma das razões pela qual as crianças com autismo são hipersensíveis auditivamente e, às vezes, fazem birra ao ouvir o barulho de falas, risos de muitas crianças, por exemplo.

Percebe-se ainda que muitas pessoas com autismo tenham o que é chamado de “prosopagnosia”, isto é, a incapacidade de reconhecer rostos. Além de não reconhecer rostos, não reconhecem si mesmos em frente ao espelho. Outra característica é achar que o olhar das outras pessoas é agressivo, por isso, evitam ver o rosto, mesmo não tendo prosopagnosia e se concentram em reconhecer as pessoas através de suas características, como o corpo, barba, cabelo, pescoço, voz, etc. alguns autistas podem aprender a ver o olhar dos outros, mas há outros que nunca o tolerarão.

Para as pessoas com autismo, é muito difícil perceber se a pessoa a sua frente está feliz ou triste; em consequência mostram certa inabilidade social. Se alguém se irrita ou está muito animado, eles não conseguem discriminar facilmente. Essa incapacidade de reconhecer os estados de ânimo das outras pessoas é denominada como “cegueira mental”. Percebe-se que

as pessoas com autismo têm todos os seus sentidos muito sensíveis. Mas são frustradas por não serem capazes de entender e comunicar suas necessidades aos outros. Isso pode causar duas reações: a manha ou a autoestimulação.

Ainda dentro dessa perspectiva pode-se afirmar que os comportamentos dos indivíduos autistas podem variar segundo cada nível de deficiência. Muitos apresentam movimentos repetitivos como: bater as mãos sem parar, ou ficar imóvel, ou mexer de um lado para o outro sem controle. Esse tipo de comportamento ao que tudo indica faz com que a mente bloqueie todos os estímulos externos podendo causar neles um certo bem-estar, conforto, prazer e relaxamento.

Nesse sentido, a pessoa com autismo não consegue comunicar com precisão o que desejaria. É importante saber que alguns sintomas que o autista apresenta variam conforme a idade, por isso, é preciso compreender que de acordo com o crescimento da criança autista o comportamento se manifesta de forma diferente. Além do que a criança autista desenvolve uma forma particular e única de “pseudo” comunicação e aprendizagem.

Dentre as características das crianças autistas é preciso chamar atenção para a questão da evolução, pois é muito variável de uma para outra, pois depende dos diferentes níveis intelectuais, da linguagem, autonomia, assim como do agravamento dos sintomas do autismo haja vista que cada indivíduo é um ser único. Logo, entendemos que a arte na educação dessas crianças contribui para o desenvolvimento das mesmas.

## 1.2 A arte na educação: um enfoque no processo de ensino e aprendizagem do aluno com necessidades educacionais especiais

Atualmente o educador vivencia em sala de aula uma realidade que o desafia em seu cotidiano escolar devido ao crescente número de alunos que apresentam o TEA nas instituições públicas ao longo dos anos tanto na Educação infantil como no fundamental. Além disso, as questões referentes aos problemas no desenvolvimento da fala, habilidades motoras e relações sociais implicam nas características presentes no autista.

. Segundo Brasil (1997, p.61) em relação às aulas de desenho e artes visuais diz:

A educação em artes visuais requer trabalho continuamente informado sobre os conteúdos e experiências relacionados aos materiais, as técnicas e as formas visuais de diversos momentos da história, inclusive contemporânea. Para tanto, a escola deve colaborar para que os alunos passem por um conjunto amplo de experiência de aprender e criar, articulando percepção, imaginação, sensibilidade, conhecimento e produção artística pessoal e grupal.

Compreende-se que é fundamental um estudo sobre as possibilidades de promover ações pedagógicas na escola que possibilite o desenvolvimento das crianças com TEA. Nesse sentido a arte enquanto componente curricular contribui para que a criança venha expressar seus sentimentos e ao mesmo tempo a escola oportuniza a inclusão social.

De acordo com Kanner (1943, p.247), algumas pessoas com autismo leve podem ao longo da vida desenvolver um vocabulário (...) que adquiriram (...) a linguagem (...) memória de acontecimentos ocorridos há vários anos, capacidade de decorar poemas e nomes e lembrar-se precisamente de sequências e esquemas complexos, isto testemunha a inteligência no destes indivíduos no sentido de comum deste termo.

Segundo Kanner (1943) concluiu inicialmente que os autistas não possuíam o desenvolvimento da linguagem e que as expressões não passavam de ecolalia (frases repetitivas). No entanto em 1946 os estudos comprovaram que não se poderia afirmar em ausência da linguagem para todos, em virtude de que os níveis de deficiência podem variar e que elas podem desenvolver-se também mediante a criatividade. Porém, é preciso entender que as construções linguísticas só fazem sentido dentro de um contexto particular.

Por isso, no âmbito escolar é de suma importância que os educadores percebam que existem várias formas de promover o desenvolvimento das crianças com autismo. Sendo assim, a arte se constitui como uma das possibilidades para a aquisição das habilidades de expressão verbal e não verbal.

Entende-se que a arte favorece o autista a expor seus sentimentos de uma forma concreta, sendo esta uma expressão manifestada livremente pelos indivíduos. O que se questiona é: como os educadores podem utilizar a arte no ensino das crianças com TEA? Quais as vivências podem ser construídas para que haja a afirmação de si e o reconhecimento do mundo que os cerca?

Nesse contexto, a arte pode ser compreendida como tudo aquilo que expressa uma realidade ou uma forma de pensar sobre o mundo. Pode se dar de diferentes formas seja através da música, dança teatro, etc, sabendo que, é o fazer artístico é essencial a todos os seres humanos, visto que temos uma necessidade básica de transmitir nossos sentimentos e expectativas em algo, isso torna a arte uma ferramenta de auxílio no próprio consciente humano de compreensão da sociedade ao seu redor (BRASIL, 1997). Logo a criança autista poderá se descobrir e desenvolver-se através dela.

Para Ana Mae Barbosa (2016)

É absolutamente importante o contato com a arte por crianças e adolescentes. Primeiro, porque no processo de conhecimento da arte são envolvidos, além da

inteligência e do raciocínio, o afetivo e o emocional, que estão sempre fora do currículo escolar. A minha geração fez sua educação emocional a partir de filmes de Hollywood, o que é uma barbaridade. Não se conversava sobre sentimentos na escola. Segundo, porque a arte estimula o desenvolvimento da inteligência racional, medida pelo teste de QI. O pesquisador Janes Catteral estudou a influência da aprendizagem de arte na inteligência, que será aplicada a qualquer outra disciplina. Além disso, grande parte da produção artística é feita no coletivo. Isso desenvolve o trabalho em grupo e a criatividade (Revista Época, 2016.). **Trecho adaptado de uma Entrevista realizada por Beatriz Morrone).**

Numa perspectiva contemporânea os estudos de Barbosa (1998; 2002; 2010) apontam vários aspectos em seus estudos discutindo sobre o ensino de Artes visuais com os quais nos apoiamos ao longo dos anos. Entende-se a importância da prática pedagógica dando ênfase a produção artística promovendo conexão com a realidade. A criança tecendo uma rede de saberes entre o seu EU e o mundo que o cerca. Segundo Martins, (1998, p.83) uma questão crucial para o educador: o planejamento. Como planejar atividades que possam manter a concentração e o interesse dos alunos, superando a indisciplina ou a apatia? (...) os ranços autoritários e espontâneos ainda nos perseguem. Não basta mostrar avanços na metodologia utilizada se a concepção que nos fundamenta é ineficiente e pobre.

Ainda segundo Barbosa, (2002, p.31) a falta de conhecimento sobre o passado está levando os educadores brasileiros a valorizarem em demasia o “novo”. A falta de estrutura interna no ensino da arte está levando a uma concepção de arte do fazer sem nenhuma intenção.

Compreende-se que, a Arte e principalmente no âmbito das artes visuais elas servem na educação de crianças para construir pontes na comunicação, possibilitar a interação social e expandir o repertório da fala, além disso, tem o poder de despertar o interesse dos alunos também com diagnóstico de autismo, através de suas inúmeras linguagens.

Quando se pensa em Artes Visuais como benefício na educação e para o desenvolvimento holístico de alunos com autismo, tanto pelo poder expressivo e emocional através da Arte, quanto pelo seu papel de mediador cultural, intrínseco na produção artística em si mesma, por assim dizer já funciona como mediadora.

Segundo Passerino (2012, p. 223), “[...] ao se comunicar de maneira hábil a arte se transformar em um instrumento potente de mediação [...] incluindo os símbolos verbais e nãoverbais”. Nesse contexto, a mediação do professor requer estratégias eficientes para que os envolvidos na construção e criação dos significados possa favorecer a geração de novos conhecimentos.

Entende-se que a comunicação com alunos com barreiras severas no que se refere a interação na escola; as artes visuais têm funcionado como um meio de possibilitar o interagir

entre esses indivíduos e o mundo exterior. Percebe-se ainda entre os alunos com a Síndrome do autismo apresentam lacunas significativas na oralidade. Assim, ao utilizarmos como alternativa as artes visuais com o objetivo de incentivar a comunicação espontânea.

### 1.3 Vygotsky: criatividade e imaginação na infância

Segundo Araújo (2017) para Vygotsky (2004), o ser humano desenvolve sua criatividade através da imaginação desde a infância, e esse contato com as atividades que estimulam a criação desde a primeira infância, ou seja, desde os dois anos de idade é de suma importância para o seu desenvolvimento como um todo.

De acordo com a mesma os estudiosos em Psicologia com Vygotsky (2004) a imaginação ou fantasia são concretizadas nas atividades de cunho criadoras. Nesse sentido, quando as crianças usam objetos do seu cotidiano e modifica no seu brincar a exemplo de: pegar uma vassoura, imaginar que é um cavalo recontar uma estória. São comportamentos expressivos da mente. Assim, o desenvolvimento da criatividade indica uma característica de quem é criativo. Porém, essa criatividade não surge por acaso e nem está predeterminada por alguns indivíduos, pelo contrário a criatividade e a imaginação precisam ser estimuladas e ambas andam lado a lado. Entende-se que a criação não existe quando se produzem obras históricas, fantásticas, mas o homem imagina, modifica e cria independente que pareça insignificante se comparado a outras criações. (ARAÚJO, 2017).

Lamentavelmente, alguns pensam que a imaginação infantil como uma fantasia não percebem o quanto ela é importante no desenvolvimento da criança. Para Vygotski (2004, p.15) “a imaginação pode estar mais ligada a imagens sensoriais e/ou mentais”. Entendemos a imaginação como algo de suma importância. Nesse sentido, é importante que a criatividade e a imaginação sejam incentivadas desde a primeira infância, pois a criação artística pode manifestar-se nos diversos âmbitos da vida sociocultural dos indivíduos.

Entretanto, a imaginação infantil não tem a quantidade semelhante de experiências no mesmo nível que a dos adultos. Pode-se dizer que, a imaginação constrói-se a partir dos elementos da realidade presente na experiência do indivíduo (ARAÚJO, 2017). Sendo assim, as crianças podem desenvolver maneiras diferentes da imaginação, e assim, também é muito importante para o crescimento da pessoa. Vale salientar que a ampliação das experiências infantis contribui para o desenvolvimento da imaginação.

De acordo com Araújo (2017) conforme Vygotski (2004, p.25) a imaginação pode transformar-se em meio à ampliação das experiências pessoais, seja através de uma narração ou da descrição de outros, ela poderá imaginar inclusive o que não fantasia aquilo que não vivenciou diretamente como experiência pessoal. Podemos dizer que a imaginação e a

criatividade, por serem dependentes da experiência da criança, é uma necessidade fundamental para que a atividade mental humana possa se desenvolver. Além disso, promover o desenvolvimento das mesmas desde os primeiros estágios de sua existência.

## **2 METODOLOGIA**

### **2.1 Tipo de pesquisa**

A pesquisa de caráter qualitativo tem por objetivo investigar o desenvolvimento das habilidades sociais em crianças com diagnóstico de autismo. Além disso, realizar o levantamento teórico a fim de subsidiar este estudo. Marconi e Lakatos (2002) afirmam que a pesquisa exploratória bibliográfica contribui para a aquisição dos conhecimentos, visto que este tipo de pesquisa fornece o conhecimento em perspectiva.

A pesquisa segundo Gil (2002) tem a função de promover o processo de busca pelas respostas da problemática proposta no estudo de maneira simples e objetiva, favorecendo o alcance dos objetivos propostos.

Esse estudo constitui-se em uma pesquisa qualitativa, exploratória e descritiva. Onde se observou o desenvolvimento da arte na educação da criança com autismo em idade escolar do sexo masculino de uma Escola pública. Esta pesquisa considera de suma importância à inclusão de crianças autistas no ambiente escolar, o que significa abrir a oportunidade de promover o desenvolvimento desses alunos no ambiente escolar.

### **2.2 Instrumento de pesquisa**

Como instrumento, foi feito um levantamento teórico e posteriormente a observação participante com a criança com Transtorno do espectro Autismo - TEA. Nessa pesquisa foram utilizados livros, artigos, periódicos e sites na internet que abrangem os assuntos abordados no trabalho, a fim de alcançar os objetivos da pesquisa.

### **2.3 Cenário da Escola pública municipal campo de pesquisa**

A presente pesquisa foi realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental localizada no município de Campina Grande – PB. Essa escola atende a população nos serviços referentes à Educação Infantil e Ensino fundamental da cidade.

Além dos serviços educacionais no ensino regular também atende as crianças com necessidades educacionais especiais, tais como: autismo, síndrome de Down, TDAH dentre outras que fizerem parte da comunidade escolar. Em média a escola atende por sala entre 2 a 3 crianças com necessidades educacionais especiais que frequentam assiduamente.

Nesse sentido, os profissionais pedagogos, supervisores e coordenadores todos são capacitados para exercerem os cargos a que se prestaram. No que se refere às crianças com necessidades educacionais especiais, a escola vem garantindo a inclusão e o acesso aos saberes conforme as limitações de cada uma. Essa instituição atende um total de 10 crianças com necessidades educacionais especiais e vem oportunizando a interação de todas as crianças matriculadas nesta instituição escolar.

No que se refere às crianças diagnosticadas com espectro de autismo a escola disponibiliza um ambiente harmonioso e satisfatório para essas crianças. Nesse sentido, dentre as atividades desenvolvidas com todas as crianças iremos descrever algumas atividades consideradas pertinentes aos alunos autistas que trabalhamos através da arte. O projeto pedagógico intitulado: “O mundo encantado da arte” teve como objetivo principal promover o desenvolvimento dos alunos, bem como, desenvolver o interesse da criança autista pela arte além de incentivar o desenvolvimento da criatividade, imaginação e das emoções.

Sendo assim, abaixo apresentamos o desenvolvimento de algumas atividades realizadas com as crianças diagnosticadas com autismo, tendo a arte como fator predominante para o bem-estar das mesmas. Nesse sentido, destacamos o aluno “A” de artista como personagem único de sua própria história.

## 2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Para início do nosso projeto algumas provocações são necessárias enfatizar em relação às Artes visuais, a saber, por exemplo: que imagens sobre Arte as crianças trazem para a escola? Sabemos que tudo ao nosso redor de alguma forma trata-se de uma produção realizada com objetos seja a construção de algo, a pintura, o grafite etc. Cada pessoa se utiliza de materiais e suportes diferentes para usar em suas representações artísticas.

Nesse sentido, nos propomos a apresentar o relato de práticas pedagógicas realizadas com o aluno “A” (autista) que se utiliza das artes visuais numa perspectiva contemporânea expressiva para seu desenvolvimento o que exige de nós um esforço para superarmos o pensamento recorrente de que Arte só pode ser realizada por pessoas que possuem um dom especial.

Por conseguinte, o aluno “B” com diagnóstico grau severo de autismo foi trabalhado também as artes visuais. Inicialmente o trabalho com essa criança se restringiu mais a socialização, porque as atividades pedagógicas ele não conseguia realizar. O que acalmava era quando ele pintava, realizava alguns rabiscos e cortava papel, ainda, desenvolveu algumas atividades usando a colagem com a intervenção e permanente mediação da professora.

### ANÁLISE DOS RESULTADOS

Diante da proposta de trabalhar por meio da Arte com crianças diagnosticadas por serem autistas; a grande questão é investir em práticas que contribuam para que a criança possa ampliar suas competências e habilidades sobre a realidade vivenciada em seu mundo interior e pode expor de forma sensível através do estímulo das atividades pela arte na escola.

Desse modo, o fazer e o contextualizar não se constituem como uma fórmula mágica para se trabalhar com estas ações na escola. Parafraseando Piaget (1973), o desenvolvimento do ser humano depende da qualidade das atividades praticadas e/ou vivenciadas pelos mesmos. Por isso, a Arte como recurso utilizado na ação pedagógica compreende a ressignificação do objeto visual e da criação, tendo por base as ideias extraídas pelo aluno no campo mental e ao mesmo tempo ele se apropria desse conhecimento e pode expressar concretamente.

No que se refere às atividades com arte em sala de aula com as crianças autistas foi possível desenvolver ações específicas de motricidade e desenvolver a coordenação e o controle dos movimentos dos dedos das mãos enfocando a adequação dos movimentos

gráficos e não gráficos, com o uso de atividades de modelagem usando a massinha de modelar. Desenvolver também práticas de fazer bolinhas de qualquer tamanho. Depois preencher os desenhos com bolinhas de massa de modelar, bem como com papel colorido. Pintar no tecido. Seguir o contorno do desenho com lápis. Rasgar papel em tiras. Recortar papel, até chegar no fazer dobraduras simples. Depois se descobriu fazendo de dobraduras diversas inclusive de bichos. Dentre as atividades que mais gostou o aluno “A” foi construir dobraduras, usar o papel colorido nas atividades, pintar livremente e desenhar espontaneamente.

Compreendemos de suma importância colocar ao alcance dessa criança todos os materiais disponíveis na escola que permitissem sua expressão livre. Sempre utilizamos materiais de tamanho grande e colorido para ele criar seus desenhos e pintura. Já que movimentos amplos ajudam a criança pode manter a estabilidade do corpo, porém, sem impor nenhum tipo de condicionamento ou imposição.

Sendo assim apresentamos abaixo as imagens das atividades desenvolvidas pelo aluno “A” com diagnóstico de Síndrome do Espectro de Autismo.



Foto 1 – Atividade dobradura      Foto 2- Desenho e pintura livre      Foto 3- Contorno da imagem  
 Fonte: Dados da pesquisa. (2018)      Fonte: Dados da pesquisa (2018)      Fonte: Dados da pesquisa. (2018)

Percebe-se que, a produção artística acima realizada pode ser fruto do diálogo entre ações trabalhadas a partir dos diferentes modelos encontrados na sociedade. Sendo assim, a promoção da Arte com crianças autistas auxilia a criação artística a partir da exploração de diferentes tipos de materiais e suportes como, por exemplo: tintas fabricadas ou tintas caseiras, lápis de colorir, giz de cera, papéis de diversos tamanhos, além de uma gama de recurso materiais reutilizáveis.

No entanto, ainda dentro dessa perspectiva a escola enfrenta a seguinte questão: como incluir um sujeito que possui características que não podem ser atendidas por uma instituição que está desenhada para atender a um sujeito ideal?

Conforme Fernandes (1986), o êxito da educação dos alunos especiais no sistema escolar depende da implantação das mudanças tanto no que se refere à postura do educador como em relação à prática dos valores que devem ser respeitados haja vista que a falta desses princípios impossibilita a transformação no processo de aprendizagem. Por isso, muitos alunos encontram dificuldades para adaptar-se e assim sentirem-se incluídos, pois a escola precisa apresentar posturas passíveis de inclusão.

Desse modo, as imagens abaixo mostram aspectos das artes visuais e os suportes materiais que o aluno “A” se utiliza espontaneamente em suas criações. Apesar de um longo período de investimentos durante todo ano letivo para conquistar sua confiança e conseguir a socialização com o grupo de alunos em sala de aula. Atualmente, o aluno apresenta avanços significativos em direção à socialização e a realização das atividades pedagógicas mediadas pelas artes visuais, conforme o registro fotográfico abaixo.



Foto 4- Pintura livre

Foto 5 – Carimbando as mãos

Foto 6 – Dobradura livre

Fonte: Arquivo da pesquisa (2018). Fonte: Arquivo da pesquisa (2018). Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).

Diante disso, ainda é possível afirmar que o aluno “A” com necessidades educacionais especiais em destaque o transtorno do espectro de autismo; na prática dessas atividades utilizando a metodologia do fazer em artes visuais o aluno passou a desenvolver uma ação que favorece o trabalho pedagógico no sentido de que ele conseguiu construir suas produções individuais. Assim, através da intervenção e mediação em sala de aula respeitando a velocidade das proporções e das produções de cada um foi possível alcançar o êxito desejado.

Entendemos que os caminhos apontados são possibilidades pedagógicas que visam contribuir com o desenvolvimento da aprendizagem através das Artes visuais de forma processual, dialógica e reflexiva. Tudo isso, exige do profissional o investimento de leituras que não se encerram, mas devem ser contínuas, pois sempre trarão contribuições para ampliar o olhar em direção as necessidades dos alunos que mais precisam de estímulos. No ensino com Arte as crianças oferecem pistas que nos dão oportunidades de promover uma educação que minimize as falhas do sistema educacional brasileiro.

Vale salientar ainda que, diante da resistência do aluno para não concluir as atividades pedagógicas, foi desenvolvido uma metodologia embasada no trabalho com a ARTE. Por isso, utilizamos inicialmente técnicas que o estimulasse a realizá-las até o final e assim tornar as atividades mais prazerosas, mas sempre respeitando suas limitações.

A partir das propostas de atividades que era aceita pela criança eram aproveitadas imediatamente com intervenções adequadas. O que foi possível perceber os avanços: primeiro rejeitava pegar no lápis. Depois do contato com o colorido das folhas de papel. O aluno conseguiu rabiscar gravuras com lápis grafite ou lápis de cor de madeira principalmente nas cores preto ou marrom; essas cores eram as preferidas.



Foto 7 – rabisco  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).



Foto 8 - rabisco  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).

Outra atividade desenvolvida que chamou atenção dessa criança foi à pintura vazada o que contribuiu para o aluno pintar dentro dos limites das gravuras, no sentido de promover a noção de espaço; mesmo sem a sua compreensão imediata. Além disso, com o intuito de promover a aprendizagem das cores iniciamos o ensino a partir das cores primárias e secundárias com o incentivo da “Oficina” de tinta guache caseira usando a mistura de diversas cores. No final do ano o aluno já identificava as cores.



Foto 9 – Oficina das cores  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).



Foto 10 - Oficina das cores  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).



Foto 11- Oficina das cores  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).

Dento dessa perspectiva foi trabalhado o conteúdo sobre as formas geométricas realizando a pintura das mesmas e a montagem do boneco Pinóquio. Os alunos realizaram a confecção de um boneco usando a massa de modelar usando várias cores. Essa atividade foi significativa para a compreensão das diferentes formas de objetos existentes na sociedade.



Foto 12 – Boneco Pinóquio  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).

Os números naturais também era um conteúdo desconhecido por essa criança. Sendo assim, logo incentivamos o trabalho usando também a modelagem dos mesmos através da massa de modelar, por ser um recurso que a maioria das crianças manuseia. Ao final do ano ele conseguiu aprender a noção de números. Já as letras do seu nome foram trabalhadas através do preenchimento de bolinhas de papel e o contorno das mesmas usando pedaços de canudos, onde o aluno também conseguiu identificar as letras que pertenciam ao seu próprio nome.



Foto 13 – Contorno da letra A  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).



Foto 14 – Atividade com bolinha com papel crepon  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).

O trabalho para o desenvolvimento da coordenação motora foi uma atividade permanente em sala de aula usando sempre a construção das dobraduras de animais em papel colorido, uma habilidade que adquiriu espontaneamente demonstrando grande desenvoltura.



Foto 15 – Dobraduras  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).



Foto 16 – Dobraduras  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).



Foto 17 – Dobraduras  
Fonte: Arquivo da pesquisa (2018).

Portanto, as atividades propostas para o desenvolvimento da criança com Transtorno de espectro Autismo foram desenvolvidas com êxito satisfatório. Acreditamos nas possibilidades de avanços desses alunos cada vez maiores, desde que sejam propostas pensadas considerando as limitações de cada indivíduo.

Em relação ao aluno “B” inicialmente as atividades se detiveram exclusivamente a socialização por conseguinte desenvolvemos a mediação das intervenções pedagógicas através da pintura sem, no entanto a criança demonstrar uma motivação de imediato para superar as dificuldades. Contudo, a socialização se desenvolveu e a interação foi sendo aos poucos promovida em sala de aula e assim contribuiu para a construção dos elos socioemocionais, além dos fatores referentes aos aspectos sensório-motor.

Enfim, podemos dizer que cada atividade elaborada com o aluno “B” foi planejada levando em conta as suas necessidades e os seus interesses considerando que é possível trabalhar com cada criança de forma que seja acessível a todas. Assim, a mediação proposta foi adaptada respeitando o grau da necessidade dos alunos a fim de promover o desenvolvimento de todos e todas de alguma forma mesmo que fosse pequeno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inclusão de crianças com TEA no cenário educacional brasileiro tem sido um desafio para a escola em virtude da proporção que tem se manifestado devido aos comportamentos estereotipados apresentados por ser um dos aspectos que assume maior relevo no âmbito social, representando um entrave significativo para o estabelecimento das relações entre as mesmas no seu cotidiano.

Entende-se que, a inclusão é uma proposta que oportuniza a obtenção de resultados satisfatórios para todos aqueles indivíduos com necessidades especiais de aprendizagem. Porém a arte na escola vem promover também o desenvolvimento social, afetivo, cognitivo, psicológico mental.

Portanto, a educação pensada para promoção da inclusão visa atender uma demanda significativa já existente na sociedade referente aos alunos com necessidades educacionais especiais. Sendo assim, os documentos oficiais enfatizam a questão sobre os fatores sintomáticos e direcionar o olhar em consonância com a perspectiva de buscar desenvolver no interior da escola uma educação para os diferentes. Posto isso, é importante romper com o processo de exclusão disfarçada de inclusão e desconstruir a ideia de homogeneidade. Constata-se que para os alunos com necessidades educacionais especiais implica em realizar formas diferentes de ensino e incluir e assim investir em novas metodologias de ensino e recursos pedagógicos no sentido de oferecer possibilidades para o desenvolvimento da aprendizagem e da criança.

Posto isto, foi possível perceber a contribuição da arte para a criança com TEA, devido a mudança de comportamento da mesma, contribui com o desenvolvimento motor, afetivo, psicológico. É importante salientar que as atividades trouxeram uma contribuição significativa no sentido de promover o estímulo da autoestima e a criatividade. Independente de suas necessidades educacionais especiais à criança pôde se expressar e apresentar seus talentos cada vez mais. Isto é, o importante foi o processo de desenvolvimento criador da criança e não apenas o produto como resultado em si. O deixar fazer arte na escola sem nenhuma obrigação, mas pela espontaneidade da criança.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Maryanna. **A importância da imaginação e da criatividade na infância.** Redenção – PA. Math & Art Editora Exata Art, 2017. <http://exatart.redelivre.org.br/tag/maryanna-araujo/>
- BARBOSA, Ana Mae. **Cronologia da dependência** In: John Dewey e o ensino da arte no Brasil. São Paulo: Cortex, 2002.
- \_\_\_\_\_, Ana Mae. **A importância do ensino das artes na escola.** Revista Época. Entrevista por Beatriz Morrone em 16/05/2016.
- BRASIL. Secretaria de Educação de Ensino Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais. **Arte**, vl 6. Brasília. 1997.
- BRASIL, **Estatuto da Pessoa com Deficiência Lei Brasileira de Inclusão No 13.146**, de 6 de julho de 2015 Senado Federal Senador PAULO PAIM Autor da Lei Brasília – 2015.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.
- CAU, Juliana Durante. (2006) **A questão do estrangeiro na constituição da subjetividade: uma leitura crítica do autismo em Kanner.** In: ROCHA, P.S. (Org.). Cata-Ventos: Invenções na Clínica Psicanalítica Institucional. São Paulo: Editora Escuta, p. 64-76.
- FARIAS, Cristiano Chaves de. **Estatuto da Pessoa com Deficiência Comentado artigo por artigo I** Cristiano Chaves de Farias, Rogério Sanches Cunha, Ronaldo Batista Pinto. 2. rev., ampl. e atual. - Salvador: Ed. JusPodivm, 2016.
- GÓMEZ, Ana Maria Salgado; TERÁN, Nora Espinosa. **Transtornos de aprendizagem e autismo.** Maringá- PR. Editora: grupo Cultural 1 ed. 2014. 575p.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas da pesquisa social.** 6ª ed. São Paulo, Atlas, 2010.
- KANNER, Leo. **Autistic disturbances of affective contact.** Em: Nervous child 2: 217-50, 1943.
- MARTINS, Mirian Celeste Ferreira Dias. **Didática do ensino da arte: A língua do mundo.** São Paulo-SP. Editora: FTD. 1998.
- RUTTER, M.; SCHOPLER, E. Classification of pervasive developmental disorders: some concepts and practical considerations. **Journal of Autism and Developmental Disorders**,v. 22, n. 4, p. 459-482, 1992.
- WINNICOTT, Donald W. **Três revisões de livros sobre autismo.** In: SHEPHERD, R.; JOHNS, J.; ROBINSON, H. T. (Orgs.) D. W. Winnicott - Pensando sobre crianças. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, p.175- 178. \_\_\_\_\_. **Autismo.** In: SHEPHERD, R.; JOHNS, J.; ROBINSON, H. T. (Orgs.) D. W. Winnicott - Pensando sobre crianças. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996-1997 a. 1996-1997b. p. 179-192.

YOSHIJINNA, Marta Midori, **Autismo**: orientação para os pais. Casa do Autista - Brasília : Ministério da Saúde, 2000.

**APÊNDICE**

## **PROJETO DIDÁTICO “O MUNDO ENCANTADO DA ARTE”.**

**PÚBLICO ALVO:** Criança autistas de 9-12 anos.

### **JUSTIFICATIVA**

A proposta deste Projeto está voltada principalmente à utilização da arte na Educação de crianças autistas de forma interdisciplinar a fim de contribuir a partir das ações pedagógicas produzidas através de desenhos e pinturas livres, espontâneas e/ou direcionadas. Para isso, desenvolvermos o planejamento de algumas situações visando à promoção das crianças com dificuldade de socialização. Pretende-se assim, possibilitar a interação entre seus pares nas quais os alunos possam participar ativamente na construção do seu conhecimento, comportando-se como sujeito desse processo.

A arte na educação de autistas pode ocorrer de vários aspectos inclusive pode até apresentar resultados insatisfatórios devido ao desânimo no dia-a-dia, ao desconforto mental que muitas crianças sentem em sala de aula regular. Por isso, pensamos em trabalhar utilizando como estratégias o desenho/pintura, ou seja, a arte na escola. O objetivo foi provocar o fazer artísticas das crianças no sentido de que elas pudessem expor seu mundo interior através da arte. Sabe-se que, não é fácil conquistar as crianças com autismo, mas não é impossível.

Hoje, diante dos conhecimentos adquiridos nos componentes curriculares de Educação Especial I e Metodologia do ensino da arte no curso de pedagogia da UEPB, vemos que é o momento importante para continuar a acreditar que o autista pode se desenvolver e transformar nossas vidas enquanto pedagoga e o quanto é fundamental a qualidade da prática pedagógica oferecida a essas crianças. Pela importância de primar pela qualidade no ensino. Sendo, assim, compreendemos a necessidade de levá-los a observar e pensar o que antes não tinha percebido, a se emocionar, abrindo diante delas possibilidades para que sentissem provocadas a descobrir novos sentidos.

Em suma, é importante que o professor/cuidador consiga encantar os educandos. E assim poder levar o entusiasmo a criança e fazer com que cada uma descubra a sua própria maneira de explorar a arte.

Portanto, é importante fazer com que os alunos autistas gostem da arte. Despertar o interesse dessas crianças favorece a construção de novos hábitos, atitudes e habilidades necessárias para seu crescimento social, cultural na sociedade em que está inserida.

### **OBJETIVOS**

#### **Objetivo Geral**

- Desenvolver o interesse da criança autista pela arte além de incentivar o desenvolvimento da criatividade.

#### **Objetivos Específicos**

- Analisar as contribuições que as atividades em artes visuais proporciona às crianças autistas;
- Estimular o gosto pela diversidade das atividades com artes visuais, como uma atividade prazerosa;

## **CONTEÚDOS**

- Artes visuais.

## **ASPECTOS METODOLÓGICOS**

- Vídeo sobre artes visuais;
- Construção de grafismo;
- Produção no molde vazado;
- Pintura com tinta guache;
- Atividade de pintura com desenho xerocado.

## **RECURSOS**

- Material visual;
- Papel madeira;
- Tinta guache;
- Folhas de papel ofício;
- Giz e lápis de cor;
- Cadernos;
- Cartolina;
- Vídeo youtube.

## **CRONOGRAMA**

- Desenvolvido no período de duas semanas.

## **AVALIAÇÃO**

- Será contínua, além de considerar os aspectos criativos, emocionais, dos participativos dos alunos autistas.